

A SELVA VERDE E O BURACO NEGRO DA PESQUISA EM SAÚDE COLETIVA

POR LUIZA GARNELO



Ao responder ao gentil convite da Abrasco para escrever sobre a formação em Saúde Coletiva na Amazônia, pus-me a pensar sobre o que haveria de peculiar em nossa realidade que justificasse tal tema numa revista de relevância nacional.

A primeira resposta, óbvia, é que estamos na Amazônia e o que acontece na Amazônia é tema de interesse mundial. Mas será mesmo? A Amazônia que periodicamente se faz presente nas manchetes da imprensa, nos documentários e nas pesquisas de impacto global é a Amazônia da selva, dos animais, da biodiversidade. Já a Amazônia das pessoas, da sociodiversidade e das desigualdades sociais é bem menos conhecida e pouco interesse desperta na opinião pública mundial.

Pois é dessa pouco conhecida Amazônia que trata a Saúde Coletiva sobre a qual falaremos aqui. O mote desse convite foi a recente abertura de um programa de pós-graduação em Saúde Coletiva em Manaus. Mais um entre muitos? Talvez. Mas não na região amazônica onde há aguda escassez de formação pós-graduada no campo da Saúde Coletiva.

** Luiza Garnele é Médica sanitária e antropóloga. Pesquisadora da Fiocruz Amazônia. Coordenadora do Programa de Pós Graduação Condições de Vida e Situações de Saúde na Amazônia*

PERSISTIMOS DESCONHECENDO OS DESAFIOS DE ACESSIBILIDADE DE NOSSAS POPULAÇÕES RURAIS E INDÍGENAS AOS SERVIÇOS DE SAÚDE

É bem conhecida no Brasil a estreita vinculação entre pesquisa e pós-graduação. Na ausência dela pouca prospecção da realidade se realiza. E é neste ponto em que nos encontramos na Amazônia. Existe pesquisa em Saúde Coletiva na região? Sim, com certeza! Ela é desenvolvida nos poucos centros de ensino que lograram formar mestres e doutores que paulatinamente desbravam o verde deserto amazônico de saberes sobre nossa sociodiversidade. Em que pese seu continuado esforço, persiste elevada a desproporção entre o alcance das pesquisas e publicações localmente produzidas e os mega problemas regionais.

Naturalmente também existem as pesquisas realizadas, na Amazônia, por instituições renomadas, sediadas em outras regiões do país. Não se está aqui a propor uma mera regionalização da produção do conhecimento, cuja validade deve ser aferida pela qualidade do trabalho e não pelo local de origem do pesquisador. Ocorre, porém, que tal modo de produção de conhecimento coloca as prioridades em pesquisa a reboque de agendas políticas e acadêmicas externas à região. Predominam assim temas relevantes para outras realidades, mas que não são necessariamente os que identificamos como prioritários. Em função disso persistimos desconhecendo os desafios de acessibilidade de nossas populações rurais e indígenas aos serviços de saúde. Ou, como elas, que dependem estreitamente da punção de recursos naturais para sobrevi-

verem, vêm enfrentando os – agora extremos – ciclos de cheias e vazantes dos rios, e que repercussões essas rápidas mudanças vêm produzindo em seus níveis de saúde. Pouco sabemos sobre os desafios enfrentados pelo SUS para ampliar sua efetividade no cenário amazônico, ou ainda como os povos que aqui vivem percebem seus problemas de saúde e propõem soluções para sua superação.

Agendas assim povoam os editais de pesquisa e as linhas da pós-graduação fora da Amazônia. Também podem soar como exóticas às grandes agências de fomento e instituições de pesquisa. Mas, do ponto de vista dos que aqui vivem elas representam temas reais, ligados às vidas de pessoas que enfrentam graves iniquidades sociais. Elas expressam o coração da Amazônia profunda que permanece inalcançado pela produção do conhecimento em saúde coletiva.

Esse é o desafio maior que espera o desenvolvimento da pós-graduação em Saúde Coletiva na Amazônia: superar as desigualdades na produção de conhecedores e de conhecimento; estimular o compromisso com prioridades regionais sem perder de vista os cenários globais; estipular nossas próprias agendas de pesquisa em consonância com as necessidades das populações regionais e ampliar os núcleos de pesquisadores motivados e qualificados a prospectar a sociodiversidade Amazônica que permanece por se dar a conhecer.